

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte.....	18000
Para as Províncias...	18500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XXXVII

Quando os fregueses da primeira sala entregavam-se a prolongadas libações, e cahiam ebrios e inertes no chão, os criados do estabelecimento carregavam-nos e iam depol-os em uma especie de tarimba collocada ao fundo da segunda sala.

Pouca gente havia alli quando Sacco-de-Gesso entrou, e o seu primeiro olhar encontrou logo o do pai Trapeira.

Reconhecendo Didier, este ultimo ergueu-se.

Se a sala estivesse mais allumiada, ter-se-hia visto que elle ficára pallido e estremecera.

— E' a mim que procuras? perguntou elle vivamente, dirigindo-se a Sacco-de-Gesso.

— Sim, respondeu o rapaz; este senhor deseja fallar-lhe.

Didier comprimentou.

— Primeiro que tudo, disse, tenho que lhe agradecer o serviço que me prestou no outro dia; se não fôra o senhor, ter-me-hiam prendido...

O pai Trapeira levou um dedo aos labios, e mostrou a Didier os tres ou quatro individuos que estavam á pouca distancia.

— O senhor deseja fallar-me? acrescentou logo.

— Sobre assumptos bem importantes, respondeu Didier.

— Aqui não estariamos bem... Incomodariam os a esses senhores, e ficariam incomodados tambem; se quizer, subiremos ao primeiro andar.

— Como lhe aprovou.

O pai Trapeira pegou em um castiçal, dirigiu-se para a porta e subiu a escada.

Segundos depois, estavam os tres homens sentados em um gabinete, cuja mobilia consistia em uma mesa e quatro cadeiras.

Sómente, como em todos os gabinetes do primeiro

andar, um largo postigo, aberto no assoalho, permittia ver o que se passava na sala do pavimento terreo.

Chamando a attenção de Didier para aquella abertura, o pai Trapeira fel-o observar que semelhante precaucao não era inutil em um estabelecimento em que a policia dava frequentes buscas.

Em seguida sentou-se e encetou a conversação.

— Eis-me inteiramente á sua disposição, disse elle a Didier, e prompto para servil-o no que puder.

— E' talvez dificilimo o que desejo pedir-lhe, respondeu Didier.

— Procuraremos tornal-o facil.

— E, além disso, o senhor não me conhece...

— E' um engano seu... Mas deixemos o passado em paz... é elle tão triste para mim quanto pôde ser cruel para o senhor. Fallemos, portanto, do motivo que o conduz.

Didier tirou do bolso as dez cartas do conde, que levava consigo, e collocou-as em cima da mesa.

— Affirmou-me Sacco-de-Gesso, disse elle, que o senhor poderia imitar o feitio e a letra destas cartas. Peça-me a quantia que lhe aprovou por esse trabalho, e eu duplicarei a somma se o senhor puder apromtal-as no menor prazo possivel.

O pai Trapeira não respondeu logo á proposta que lhe faziam.

Pegou, porém, nas cartas, abriu-as lentamente, examinou-as com attenção... e acabou por fitar o seu olhar em Didier, que não cessára de observal-o.

Dis-se-hia que a vista daquellas cartas e a sua rapida leitura tinham comunicado ao pai Trapeira inesperada emoção.

— Esta correspondencia, disse elle ao cabo de alguns instantes, refere-se a um crime que foi cometido, ha perto de quinze annos, em uma agua-furada da rua Soly.

— A mesma em que o senhor habita presentemente, respondeu Didier.

— Eu habito nella ha vinte annos!

— O senhor!.. mas então sabe...

— Sei tudo!

— E o senhor não disse nada!

O pai Trapeira estremeceu.

Não tinham sido, porém, as palavras que Didier acabava de pronunciar que haviam produzido n'elle aquele effeito; a cousa era mais estranha e mais terrivel.

Levantára-se naquelle momento um grande

tumulto na sala do pavimento terreo, e atravez desse tumulto chegara-lhes aos ouvidos, em cima, um grito de mulher, grito de augustia, appello doloroso e lancinante.

Os tres homens trocaram um olhar cheio de relampagos.

— Temos rôlo! observou Sacco-de-Gesso.

— Mas aquella voz... aquella voz!... disseram ao mesmo tempo o pai Trapeira e Didier.

Com ou sem razão, a ambos parecera que haviam reconhecido a voz de Francina.

Entretanto, o tumulto continuava. Era um vavem inaudito, ouviam-se murros nas mesas, mil pragas energicas, mil gracejos obscenos cruzavam-se de mistura, e atravez de todas essas provocações avinhadas e rouquenhas... um grito, sempre o mesmo grito... uma voz, a que parecia ser a voz de Francina!...

Didier não se conteve mais; com mão febril abriu o postigo, e enfiou por elle avidamente o olhar.

Uma imprecação irrompeu-lhe quasi logo do peito. Era effectivamente Francina!

Alli estava ella, com a roupa em desordem, os cabellos esparsos, confusa, toda tremula, de mãos postas e a implorar a compaixão dos bandidos que a rodeavam como um circulo de amaldiçoados.

Era para fazer pensar no inferno.

Por traz della, de braços cruzados, labio arregado por sardonico sorriso, e collocado a alguns passos de distancia, Polichinello olhava para ella, impassivel e calmo.

Ao vel-o, Didier ergueu-se com os cabellos herissados e o olhar fiscante.

— Ah! todo o seu sangue não bastará para pagar-me semelhante infamia! disse elle, fazendo um gesto de furor.

E, sem reflectir que ia achar-se desarmado e quasi sózinho em presencia de vinte sicarios resolutos, de um salto se arremegou para a porta.

Fôsse acaso, fôsse premeditação, a porta estava fechada, e, apezar de todos os seus esforços, não conseguiu elle abril-a.

E, possuido de raiva, mordendo os punhos com furia, voltou-se para Sacco-de-Gesso e para o pai Trapeira, que, cada um por sua vez, tinham tambem espreitado pela abertura.

— Que fazer? que fazer? murmurou Didier, que sentia-se presa de um desses espantos sem nome que gelam o sangue nas veias e paralysam o cerebro.

E não pôde dizer mais.

O ruido, que um momento antes cessara, começara novamente, e desta vez viu elle o Jaguar avançar para Francina, com o peito offegante, os braços estendidos e o olhar aceso em mil repugnantes desejos.

XXXVIII

O leitor se admira, sem duvida, de encontrar a pobre Francina atirada assim como pasto a ferozes bandidos que não deviam respeitar-lhe nem a belleza, nem a innocencia.

Nada, entretanto, é mais simples de explicar-se. Separando-se de Didier e Sacco-de-Gesso, tinha Gontran tomado uma resolução extrema, em que pensava havia douis dias, mas perante a qual se detivera, em virtude de um sentimento que todos os corações delicados comprehenderão.

Encaminhara-se para o palacete d' Orvado.

Queria fallar a Julieta.

Resolvêra dirigir-se a ella; queria commover-lhe o coração, e levava nos labios mil palavras eloquentes com cujo auxilio esperava tornal-a favoravel.

Eram cerca de duas horas quando se apresentou no palacete.

Um criado tomou-lhe o cartão, levou-o á Julieta, e voltou quasi immediatamente em busca do visitante.

Que Gontran a procurasse, nas circumstancias presentes, era o maior desejo da moça.

Recebeu-o ella em um gabinete contiguo á estufa.

Quando Gontran entrou, estava Julieta sentada em um divan, com o cotovello apoiado a um coxim de velludo e com a fronte encostada na mão.

Indicou uma cadeira a Gontran, que sentou-se.

— Desejava fallar-me, disse ella, e vê que me appresso em satisfazer ao seu desejo.

— Agradeço-lhe sinceramente, respondeu Gontran, pois o motivo que me força a dar este passo é imperioso, e...

— De que se trata?

— Não o adivinha?

— Será porventura de Francina?

— E de quem mais poderia ser?

— Que tem então o senhor que me pedir?

— Ah! não procure illudir-me, minha senhora! exclamou Gontran; pessoas que a cercam, que lhe obedecem talvez, raptaram Francina, e durante douis dias tenho percorrido Pariz inteira para encontrar-lhe os vestgios...

— E conseguiu descobrir?

— Esta noite sómente.

— Sabe então onde ella está?

— Sei que foi trazida para o palacete d'Orvado.

— E é por isso que o senhor aqui está?

— Vim aqui para supplicar-lhe que a restitua a seu pai.

— A seu pai e ao seu amor!... completou ironicamente Julieta, que envolveu o moço com um olhar em que mil ardores luziam ao mesmo tempo.

Seguiu-se então um momento de silencio, durante o qual Julieta pareceu reflectir.

— Não esperava vel-o, disse ella afinal em tom sob cuja gravidade tremia violenta emoção; visto, porém, que o acaso ou a força das cousas o collocam em minha presencia, quero aproveitar-me do ensejo para sahir destas ambiguidades em meio das quaes nos estamos debatendo desde alguns dias para cá.

— Não comprehendo o que quer dizer, balbuciou Gontran admirado.

— Vai comprehender, respondeu Julieta.

E após uma ultima pausa de alguns segundos apenas:

— O senhor ignora, proseguiu, que ha perto de seis annos que eu o conheço.

— A mim! exclamou Gontran no auge da sorpresa.

— Sim, ao Sr. Gontran de Kerdrel. Eu era ainda menina; mas a minha razão e a minha curiosidade tinham despertado já, e eu havia adivinhado parte do segredo de minha familia.

— Que diz, minha senhora!

— O dia em que descobri esse segredo foi um dia terrível e cruel! Sabia que seu pai, assassinado, tinha deixado nos confins da Bretanha um filho sem nome e sem familia, e em minha ardente imaginação de moça formei o plano de restituir ao filho abandonado... todos os gozos de que o haviam desherdado. Velei por elle; nem um só momento o perdi de vista... e quiz ramar com a dedicação da filha o mal que o crime da māi tinha causado...

— Ah! que me está a senhora dizendo! exclamou Gontran quasi assustado com aquella confidencia.

— Se o senhor soubesse que existencia foi a minha desde então! continuou Julieta com amargura; neste palacete, onde tudo eram festas e sorrisos para mim, eu vivia indiferente e sombria... Buscavam despertar o amor no meu coração, e eu nelle só sentia o bramir da colera. Desprezava o conde... espreitava-lhe as menores acções... tomava nota de todas as suas palavras, e até cheguei a roubar as cartas de minha māi para dessas cartas fazer uma arma contra ella!

— Mas que intuito era o seu?

— Oh! não me envergonharei de dizer o meu intuito era ser amada exactamente por aquelle a quem um crime fizera orphão; nesse empenho consistia desde então o meu viver... e nesse amor durante tanto tempo afagado me palpitava o coração, o coração violento, arrebatado, impetuoso!

— Julieta...

— Para que, porém, fallar de amor?.. interrompeu com impeto a moça; outro sentimento suffocou-o depois... e sinto agora em mim os ardentes fogos do ciume!

— Emfim, que espera a senhora? perguntou Gontran, que começava a sentir-se enleiado perante aquella confissão.

— Porventura o sei eu?.. respondeu Julieta; o ciume raciocina?.. No dia em que comprehendi que o seu amor não podia ser meu, não quiz que pertencesse á outra, á Francina principalmente... oh! essa Francina!...

— A senhora foi bem cruel para com ella...

— Queria o senhor talvez que eu me compadescesse... não! nunca!.. Quero que ella parta, está ouvindo?.. Quero que renuncie a toda a esperança... que soffra por sua vez, e chore, como eu tenho sofrido e chorado!

— E acreditou que eu me prestaria a semelhante plano?

— Acredito-o ainda.

— Mas eu amo-a!..

— Contei tambem com esse sentimento; no

interesse de Francina, espero que o senhor reflectirá, e os seus conselhos mesmo...

— Oh! não o espere!

Julieta estava pallida, profundamente commovida; inaudita perturbação apoderou-se-lhe do espirito.

Evidentemente, estava ella entregue á mais violenta desordem dos sentidos, e já não tinha consciencia do que fazia.

Vendo-a naquelle estado, Gontran a si proprio perguntava se devia odial-a ou ter pena della.

Entretanto Julieta approximara-se da chaminé, e acabava de agitar o cordão da campainha.

Um lacaio appareceu quasi logo.

— Sr. Gontran, disse então a moça, não esqueça nenhuma das minhas palavras, e lembre-se de que a vida... está ouvindo?.. a vida de Francina se acha nas suas mãos... O senhor vai vel-a... Tomará com ella uma resolução suprema, e será de conformidade com essa resolução que eu propria verei a conducta que devo ter.

E, voltando-se para o lacaio, accrescentou com voz firme:

— Conduza este senhor ao logar onde está a Sra. Francina.

XXXIX

Fóra no mesmo quarto que era de ordinario ocupado por Julieta que haviam encerrado Francina.

A pobre mocinha estava alli desde a vespera; mas, sob a influencia do narcotico que o Dr. Roberto lhe administrára, não acordára senão naquella manhã.

Não levára muito tempo para reconhecer o sitio onde se achava, e pensára a principio, vendo aquelle aposento aonde tantas vezes tinha ido anteriormente, que o odio de seus inimigos se havia acalmado, e que elles se achavam possuidos de melhores sentimentos.

Uma conversação que tivera com Julieta depressa lhe arrebatára da mente esta ultima illusão.

Sabia ella agora que nenhuma mudança havia nas suas disposições, e que devia reunnciar ao seu amor por Gontran, sob pena de expol-o tambem a grandes perigos!

Não hesitára muito em tomar uma decisão.

Amava a Gontran, com esse esquecimento de todas as cousas, que na sua idade de ordinario se experimenta em um primeiro sentimento...

Amava-o, porém, mais do que a si propria, e, devesse o seu coração dilacerar-se... estava resolvida a salval-o a todo o custo.

Quando a porta do aposento se abriu, e ella o viu apparecer á entrada, com o sorriso nos labios e a estender-lhe os braços, não pôde esquivar-se a um primeiro movimento de alegria, e correu, toda corada e tremula, a refugiar-se-lhe no seio.

— Gontran!.. Gontran!.. exclamou fóra de si, apresentando a fronte aos puros e castos beijos do moco.

— O' Francina, minha adorada Francina!... murmurou elle cingindo-a brandamente ao peito.

A linda mocinha, porém, procurava já desprendêr-se, e, recuando alguns passos, apertou a cabeça nas mãos e desfez-se em pranto.

— Oh! perdão!... perdão!... disse soluçando; eu não pensava... fui [sorprendida]... Esqueça este primeiro movimento...

Gontran tornou a pegar-lhe nas mãos, que ella havia retirado.

— Esquecer! exclamou elle com ardor; quer que eu esqueça este abandono em que pôz todo o seu coração! e porque se arrepende a senhora?... Porventura não lhe pertence o meu amor, Francina? não sabe que d'ora em diante lhe pertenço em corpo e alma?... No meio das crueis provações que atravessamos, é a nossa consolação... a nossa alegria... a punição de nossos inimigos...

— Oh! cale-se!

— Porque?

— Elles ameaçaram-me com assassinal-o.

— E a senhora tem medo?

— Tenho medo só pelo senhor.

Gontran ergueu a fronte, que resplendia de soberano jubilo.

— Pois bem, ouça! disse elle com voz accen-tuada e firme; á custa mesmo de todo o meu sangue eu não renunciaria á felicidade que o seu amor me promette, e que eu não poderia encontrar senão nelle. Ame-me... ame-me... santamente, sem vexame.... á face do céo, como têm o direito de amar aquelles cuja alma é pura. Ame-me, para que eu seja feliz! e, se devo morrer pela senhora, o que não acontecerá... morrerei pronunciando o seu nome e abençoando a sua lembrança!

Francina tinha ouvido estas palavras de ternura com uma especie de religioso recolhimento.

Depois, pouco a pouco, todo o seu ser estremecera; uma sensação nova, desconhecida, apoderou-se della, e quando Gontran acabou de fallar, a moça ergueu para elle seu olhar limpido, um sorriso de celeste expressão pairou-lhe nos labios, e ella estendeu ambas as mãos ao moço.

— Sim, tem razão, disse, como obedecendo a um arrastamento mais forte do que a sua vontade; entre nós não deve existir presentemente nem fingida esquivança, nem ridículo pudor... Gontran, do fundo do meu coração, em presença de Deus que nos escuta e vê... Gontran, eu amo-o!... No dia em que o vi pela primeira vez, amei-o!... porque?.. como?.. não saberia dizer!.. A começar, porém, daquelle momento, senti que tudo se mudava em minha existencia... As ameaças com que me hão cercado só têm conseguido robustecer esse amor, e presentemente causa nenhuma desta vida poderia arrancal-o do meu peito!... Disponha, portanto, da minha vida como entender... ella pertence ao meu noivo, como mais tarde pertencerá a meu marido!

Assim fallando, a formosa menina ergueu-se na pontinha dos pés, tomou nas mão delicadas a cabeça de Gontran, e depôz-lhe na fronte um longo e casto beijo.

O moço soltou um grito ao sentir o contacto daquelles labios puros, e deu alguns passos para traz, como assustado.

— E agora, continuou Francina, tambem confusa e perturbada, não perca um instante, vá!

— Já! disse Gontran.

— E' necessário.

— Tenho medo de deixal-a em poder dos miseraveis que a raptaram...

— Eu serei forte... não temo nada...

— Mas quando tornarei a vê-la?

— Só Deus o sabe.

— Ah!.. é horrivel!... e não sei o que me detem que não me deixo matar aqui de preferencia a afastar-me!

Francina meneou com tristeza a cabeça.

— Não... não procure travar uma luta inutil... disse. Aqui, o senhor nada pôde fazer. E' fôra desta casa, com o auxilio de meu pai e de Sacco-de-Gesso, que conseguirá talvez libertar-me.

— Quer então...?

— Parta!

— Nesse caso, adeus, Francina, e seja abençoada pela felicidade que levo comigo.

Gontran apertou mais uma vez a mão da moça e desapareceu logo no parque, donde alcançou os Campos-Elysios.

Ao vê-lo sahir do aposento de Francina, Julieta, que em companhia da Sra. d'Orvado o estava espiando, sorriu-se amarga e dolorosamente.

Começava a anoitecer, e com a noite mil idéas lugubres assaltavam-lhe a mente.

— Então! disse a Sra. d'Orvado á filha; que decides?

— Não sei, respondeu Julieta.

— Não viste como elle ama-a?..

Julieta estremeceu sem responder.

— Vamos... deixa-me fazer o que entendo, continuou a mãe; é interesse de todos nós... cumpre acabar com isto!..

— A senhora quer matá-lo? interrompeu Julieta.

— Não...

— Qual é então o seu plano?

— Que te importa, desde que eu consiga desprender Gontran?

— Sem que a existencia de Francina corra perigo?

— Respondo por isso!

— Bem! faça então o que lhe aprovou, minha mãe, disse Julieta; e possa a senhora conseguir o seu intento.

A Sra. d'Orvado não esperou que lh'o repetisse, e mandou imediatamente chamar Polichinello, que acudiu com promptidão.

— Lembras-te, disse Clotilde, da proposta que me fizeste hontem á noite?

— Tanto me lembro que renovo-a, respondeu Polichinello.

— Pois bem!... consinto em tudo... aqui está o dinheiro. Dentro de poucas horas, conduzirás Francina ao logar de que me fallaste, e veremos depois se elle ainda a quer!..

Polichinello inclinou-se.

E naquella mesma noite atirava elle a pobre-zinha entre os selvagens ebrios da tasca.

Recorda-se o leitor do que se passará e em que situação se achava Francina.

O Jaguar acabava de avançar para ella, e Didier, Sacco-de-Gesso e o pai Trapeira, reduzidos á impossibilidade de acudirem, seguiam ansiosamente o começo da scena em que lhes era prohibido tomar parte.

— Que fazer! que fazer! bramia o desventurado Didier, mordendo os punhos com raiva.

(Continua no proximo numero.)